

TEMAS
PARA
GRUPOS PAROQUIAIS
DE
MEDITAÇÃO E ORAÇÃO COM A BÍBLIA

ANO PASTORAL 2023-2024
Arquidiocese de Évora

ÍNDICE

Introdução	5
Tema 1: A “oblação de Melquisedec” (<i>Gn 14,18-20</i>); (<i>Heb. 7,1-10</i>)	7
Tema 2: A celebração da Ceia judaica (<i>Ex. 12,1-14</i>).....	13
Tema 3: O sangue da Aliança (<i>Ex. 24,3-8</i>).....	19
Tema 4: O alimento no deserto (<i>Ex. 16,1-21</i>).....	25
Tema 5: Recordações do caminho: aprender com o passado ... (<i>Dt. 8,5-20</i>).....	31
Tema 6: Jesus alimenta a multidão (<i>Mc. 6,34-44</i>).....	37
Tema 7: Acreditar em Jesus, Pão da vida (<i>Jo. 6,26-59</i>).....	43
Tema 8: A última ceia de Jesus (<i>Lc. 22,14-20</i>).....	49
Tema 9: Lava-pés e Eucaristia (<i>Jo. 13,1-5</i>).....	55
Tema 10: A Eucaristia, sacramento de unidade (<i>1Co. 11,23-34</i>).....	61
Tema 11: Reconheceram Jesus a partir o pão (<i>Lc. 24,13-35</i>).....	67
Tema 12: A Eucaristia, fonte da missão dos crentes (<i>Act. 13,1-3</i>).....	73
Tema 13: O Domingo, dia do Senhor e senhor dos dias (<i>Mc. 16,1-8</i>).....	79
Tema 14: O Domingo, dia de Cristo ressuscitado (<i>Jo. 20,19-29</i>).....	85
Tema 15: A Eucaristia, fonte de partilha e solidariedade (<i>Act. 4,32-37</i>).....	91
Tema 16: As núpcias do Cordeiro (<i>Ap. 19,5-10</i>).....	97

INTRODUÇÃO

A Arquidiocese de Évora tem publicado um conjunto de temas de reflexão que se baseiam nas propostas pastorais de cada ano, com o objetivo de facultar aos Grupos Paroquiais e aos Movimentos de Apostolado algumas ferramentas para os integrar noutras iniciativas incluídas no programa. Estes temas, fundamentados em textos bíblicos e desenvolvidos seguindo o método da Lectio Divina, têm permitido manter o foco no objetivo geral do programa pastoral.

O plano pastoral dos próximos dois anos terá em conta a necessidade de apresentar um novo rosto da Igreja, aproveitando o impacto positivo das Jornadas Mundiais da Juventude, o caminho sinodal 2023 e 2024, a celebração do 53º Congresso Eucarístico Internacional na cidade de Quito, no Equador, de 8 a 15 e Setembro de 2024, e o V Congresso Eucarístico Nacional, em Braga, de 31 de Maio a 2 de Junho de 2024.

A Eucaristia é a melhor expressão da vida de Igreja, o centro de toda a vida cristã, de onde tudo nasce e para onde tudo converge. Nos anos da pandemia, a participação dos fiéis na Eucaristia Dominical foi afetada e muitos ficaram impedidos de se juntar à assembleia para a celebração. Reconhecendo a importância da celebração litúrgica na vida da comunidade e a necessidade de uma maior consciencialização de todos os participantes para tornar visível o rosto renovado da Igreja, são propostos temas bíblicos que nos fazem redescobrir as origens e o sentido da celebração da Eucaristia. A fonte é sempre a Sagrada Escritura, com textos, maioritariamente do Novo Testamento, mas também do Antigo, porque as raízes da celebração da Eucaristia se encontram na tradição hebraica.

A reunião dos grupos para a reflexão destes temas deve levar, necessariamente, a uma participação mais ativa e consciente na celebração Eucarística, onde cada um assume o seu papel e se compromete a viver aquilo que celebra.

TEMA 16

AS NÚPCIAS DO CORDEIRO

1. ORAÇÃO

Creemos, Senhor Jesus, que estás presente em todas as circunstâncias da nossa vida. Não és indiferente à nossa história, às nossas lutas de todos os dias, aos nossos fracassos, aos nossos sofrimentos, mas não atuas como um mágico com a sua varinha de condão para conduzir tudo ao nosso gosto. Atuas com a tua Palavra que ilumina, orienta e sustenta a nossa esperança, sobretudo na Eucaristia dominical. Dá-nos um coração pronto para escutar e pôr em prática a tua Palavra: PAI NOSSO

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Depois de feito o registo nas próprias Bíblias, um leitor proclama calmamente a Palavra. A seguir, cada um lê para si próprio, em silêncio, a mesma leitura, a fim de a interiorizar. As Bíblias devem estar fechadas enquanto se faz a proclamação.

Proclamação da Palavra

Apocalipse 19,5-10

Ao escutar este texto, deparamos com elementos que são típicos das nossas celebrações litúrgicas: aclamações, fragmentos de hinos de louvor e um clima de festa. Reparemos agora com mais atenção no texto. Para começar, há o convite ao louvor feito por uma voz celestial (v. 5), que recebe como resposta a alegria da grande assembleia, expressa na aleluia (v. 6) que vem sendo repetida desde o início do capítulo (v. 3 e 4), em que se inicia a celebração da vitória de Cristo, o Cordeiro imolado e ressuscitado que levou de vencida as forças do mal presente no mundo. De alguma maneira, podemos dizer que estamos

perante a doxologia final numa celebração eucarística, proclamando um hino de glória ao Senhor Ressuscitado, o Cordeiro, a grande figura, que domina do princípio ao fim do livro (o termo *Cordeiro* aparece 29 vezes). Como se depreende facilmente, trata-se de uma celebração litúrgica celeste, transbordando de alegria pelas núpcias do cordeiro, com uma multidão de convidados, ou seja, com a esposa, a nova Jerusalém, que representam a Igreja. Esta é a autêntica celebração litúrgica onde se “escutam” as verdadeiras palavras do próprio Deus (v. 9). É para esta autêntica celebração, ou seja, para as núpcias do Cordeiro, que o autor do Apocalipse faz convergir toda a sua leitura sobre a história da vida da Igreja de então, mergulhada na luta da fé contra o ambiente político e religioso hostil, simbolizado na prostituta – a Babilónia, ou seja, o poder imperial de Roma – que incarna o poder do dragão, a besta, apostada em destruir o poder salvador de Cristo, incarnado na Igreja. Esta luta da fé é descrita muito simbolicamente no bloco literário de 4-18.

Ora toda esta visão da história de então, feita a partir de Deus e de Jesus Cristo, que ele designa como *revelação ou profecia* (Ap. 1,1-2), é recebida por João na ilha de Patmos, no “*dia do Senhor*” (Ap, 1,10), ou seja, no dia em que a comunidade cristã se reunia para celebrar a Ceia do Senhor (cf. 1Cor. 16,2; Ap. 20,7). Este “*dia do Senhor*” é o primeiro dia da semana dos Evangelhos (cf. Mt. 28,1-10; Mc. 16,1-18), dia em que o Senhor Ressuscitado se faz presente aos seus discípulos. Por isso, já em escritos do séc. II, não distantes cronologicamente do Apocalipse (Didaké, 14,1; Inácio de Antioquia, na Carta aos Magnésios, 9,1), o primeiro dia da semana começa a chamar-se o “*dia do Senhor*” (dies dominica) ou pura e simplesmente domingo, dia da Eucaristia.

Não é, pois, de estranhar que João tome a Eucaristia como o espaço privilegiado para “*escutar*” o que o Senhor tem a dizer à sua Igreja, reunida em assembleia, sobre os acontecimentos que estão a ser vividos. O convite à *escuta* está logo em Ap. 1,3 e é repetido no final de cada assembleia das 7 Igrejas, como o apelo a quem tem ouvidos “*que ouça*” (Ap. 2,7; 2,11; 2,17; 2,29; 3,6; 3,13; 3,22). Não falando propriamente do ritmo de uma celebração, há vários elementos no nosso texto que nos levam a pensar na Eucaristia do

domingo. Há leitor, há o Ressuscitado (o Cordeiro) que é a figura central e há uma assembleia com que Ele dialoga e convida a dar testemunho (v. 10), há convite à adoração (v. 10), há aclamações de louvor (6-8). Aliás o nosso texto está em total consonância com o caráter litúrgico do Apocalipse, a começar pela introdução (1,1-8) e a terminar no epílogo (22,6-21). Em primeiro lugar, esta sua mensagem recebida no dia do Senhor é enviada às Sete Igrejas, reunidas em assembleia. É aqui que se “escuta” o Cordeiro imolado que conhece a situação concreta de cada comunidade, que interpela e apela à conversão. É Ele que faz luz sobre a história particular de cada uma, especificando o positivo e negativo que as caracteriza, animando-as a não se deixarem dominar pela força do ambiente (Ap. 1-3). Depois, a partir de 4,1, que assinala o início da 2ª parte do Apocalipse até final é como que uma celebração litúrgica em que a vida da comunidade cristã considerada em geral, com as suas aspirações e também com os seus desânimos, provocados pela ameaça constante da perseguição é posta de modo muito existencial perante o Senhor Ressuscitado, sob o símbolo do Cordeiro imolado, que está presente na Igreja como o único Senhor a quem seguir e não outros, como o imperador que impunha a todos o culto da sua imagem. Houve mesmo os que se negaram declaradamente a prestar culto ao imperador e seus representantes, arriscando a sua vida pelo Senhor Jesus – os muitos mártires.

A “escuta” do Senhor ressuscitado que foi o primeiro a percorrer o caminho do martírio que passando pela morte chegou à meta do triunfo sobre o mal e à realização plena do Reino de Deus, leva a que saiam da celebração convincentes de que, seguindo os passos de Cristo, terão participação no triunfo do Cordeiro, nas “suas núpcias”. Como fonte da escuta aparecerão as “boas obras” (19,8), que são o testemunho de Cristo (19,40), certos de que lhes está reservada a felicidade, como diz Lucas (11,28): “felizes os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática”.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

A liturgia do nosso texto (19,1-10) é uma liturgia celeste, ou como também se diz, escatológica. Quer isto dizer que se trata de uma liturgia que está já para além deste tempo que é o nosso, em que o mal já não conhece qualquer vitória. No centro dessa liturgia está a vitória do Cordeiro e definitivamente do Reino de Deus, e por isso, o ambiente de uma alegria transbordante. Ao dizer-se que ela é celeste, não se quer dizer que seja um mito ou mais uma historieta para nos fazer evadir da realidade, mas uma realidade fundada na fé numa pessoa que viveu uma vida humana comprometida com a irradicação do mal e que alimenta a esperança de uma vida totalmente liberta - a vida eterna com Cristo. Ora bem é esta liturgia celeste que João projeta na história atribulada daqueles que se reúnem para celebrar a fé. É o Cristo da liturgia celeste, vitorioso sobre o mal, que se faz presente como um companheiro dos seus, para que, como Ele, saiam também vitoriosos no combate da fé. Sem esta certeza da sua presença, as suas reuniões seriam vazias de sentido, para não dizer inúteis.

É nesta ordem de ideias que o Concílio Vaticano II (Lumen Gentium, 8) ao falar da Igreja, permite-nos estabelecer a íntima relação da liturgia terrestre com a liturgia celeste, quando diz que “*não devem considerar-se coisas diversas, mas constituem uma realidade única e complexa em que se fundem dois elementos, o humano e o divino*” (cf. LG 35; 48; 50-51; CIC, capítulo VI).

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Assim sendo, temos que olhar para as celebrações das nossas eucaristias focando-nos nesta certeza que une as duas celebrações: a nossa celebração e a celebração celeste das núpcias do Cordeiro. Temos que nos questionar: Como vamos para a Eucaristia dominical? Não iremos totalmente desligados da corrente que vem do alto? Se tal acontece, adulteramos de todo o sentido da Eucaristia nas nossas vidas, pelo que facilmente ela deixará de ser um momento imprescindível na agenda da nossa vida.

Quando pode isso acontecer? Quando colocamos no centro da nossa atenção o padre A ou o padre Z, que fala muito bem, que faz umas homilias interessantes para o meu gosto pessoal ou ao jeito do meu “grupinho”, a que até posso chamar comunidade; quando vamos à Eucaristia a tal igreja, porque lá se canta muito bem, uma música viva, moderna ou porque me encontro lá com os meus amigos com que damos duas lérias e combinamos uma almoçarada; quando pomos acima de tudo os nossos afazeres, os nossos divertimentos e, por isso, só lá vamos quando, como dizemos, tenho tempo ou me apetece(!). Fixando-me agora mais em mim mesmo: não acontecerá que eu vá de coração fechado, em nada disposto a converter-me? Não acontecerá que pense mais nos outros quando “escuto” a Palavra de Jesus do que em mim mesmo, no que Ele tem a dizer à minha história pessoal?

Quando tiro Cristo vivo e a sua Palavra do centro da Eucaristia e coloco lá a figura do padre e os interesses pessoais, estou a desligar-me totalmente da liturgia celeste, que é o paradigma das nossas eucaristias.

5. ORAÇÃO

Te damos graças, Senhor Jesus, porque estás no meio de nós para fazer luz na nossa vida, por vezes com densas trevas, que nos desnorteiam e fazem esmorecer a nossa fé. Faz-nos particularmente olhar para Eucaristia dominical como um momento de encontro existencial com a Tua Palavra e com os irmãos na fé e levar para a vida os desafios que nos deixas, a fim de fazer de nós testemunhas audazes da fé, sem medo do que pensem os outros ou defendam em público, sobretudo nos meios de Comunicação Social. Te pedimos por meio da Tua Mãe, a Nossa Senhora: Avé Maria